

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA**  
**INSTITUTO A VIA**

**FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA**

**ELIAS DAHER JUNIOR**

**O MACHISMO NA OBRA DE FREUD**



**BRASÍLIA-DF**  
**2021**

## **TÍTULO DO ARTIGO: O MACHISMO NA OBRA DE FREUD**

Elias Daher Junior

### **RESUMO-**

O propósito deste artigo é demonstrar na obra de Sigmund Freud, textos em oposição à igualdade de gêneros. Não representa, portanto, mais uma pedra lançada sobre a reconhecida e demonstrada genialidade do pai da psicanálise, que foi constantemente questionada ao longo dos anos. Também não se busca a perfeição na obra de Freud, posto que sua trajetória foi humana. Questionar a psicanálise é antes de tudo, uma contribuição para o seu desenvolvimento: para tanto, vamos apresentar trechos selecionados da obra de Freud, que posicionam a mulher em um lugar de desvantagem em relação ao homem. O machismo extrapola um modo de pensar e influencia as relações, pois mesmo diante dos significativos progressos, o sexo da pessoa ainda define privilégios na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud. machismo. feminismo. Misoginia.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído a partir de pesquisa bibliográfica na obra de Freud, de seus defensores e opositores, em torno de um tema sensível, que é a igualdade de gênero.

A ótica de Freud sobre as mulheres gerou polêmica desde a época conservadora em que viveu e continua produzindo debates nos dias atuais.

Partindo da premissa de que não é a biologia que determina as injustiças praticadas contra as mulheres, mas sim a organização social, todo pensamento machista, por mais sutil que seja, tem potencial para se materializar em atitudes. Por esta razão, escolhi este tema para desenvolver.

A inveja do pênis é considerada a contrapartida feminina para a ansiedade de castração. Ao se darem conta que não possuem um pênis, as meninas culpam a mãe pela desvantagem anatômica: tal raciocínio já foi ostensivamente questionado, principalmente por Simone de Beauvoir, no livro “O segundo sexo”.

Donna Stewart, médica e professora na University Health Network em Toronto, Canadá, conta que quando era residente na universidade, perguntou ao chefe do hospital, também psiquiatra, por qual motivo seu salário era menor do que o dos residentes do sexo masculino. Ouviu que tinha inveja do pênis e uma análise poderia curá-la (PSYCHIATRICNEWS, 2001).

O sufixo “ismo” geralmente tem conotação pejorativa, associada a patologias, ideologias, sempre no sentido de limitar (racismo, alcoolismo, tabagismo, reumatismo).

O machismo decorre de uma tradição patriarcal que exacerba os atributos masculinos em detrimento dos femininos. Apesar do falo ser uma representação, o uso do termo remete aos antigos rituais sagrados e de forma inequívoca, remete ao órgão masculino, em uma tentativa de se atribuir maior relevância ao homem na sociedade.

Nos dias de hoje, o machismo pode ser entendido como uma recusa em partilhar os mesmos direitos e deveres que a mulher. O indivíduo machista, seja do sexo masculino ou feminino, admite uma hierarquia entre os gêneros.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Nem tudo que se atribui a Freud foi realmente escrito por ele. Em muitos casos, se trata de uma interpretação equivocada ou mesmo algazarra literária, quando o autor supõe um raciocínio que o pai da psicanálise nunca teve. Por esta razão, tive o cuidado de trazer ao debate, apenas o que está registrado em sua obra.

Charles Darwin é um bom exemplo de atribuição indevida. A Academia de Ciências da Califórnia possui o seguinte texto gravado em uma placa de mármore.

“As espécies que sobrevivem não são as espécies mais fortes, nem as mais inteligentes, e sim aquelas que se adaptam melhor às mudanças”.

Há sem dúvida, algum vínculo com a obra de Darwin, mas não se encontra o texto literal nem uma variação do mesmo que permita interpretar dessa forma.

Na teoria de Darwin, são necessárias gerações para a evolução ocorrer, e não a capacidade de adaptação presente em um elemento ou grupo.

Sob a luz da psicanálise, a linguagem tem uma grande importância para o tratamento do sujeito, pois é o relato manifesto que nos permitirá identificar recorrências, sintomas e até nos silêncios, quando a ausência de comunicação diz muito sobre o estado mental diante de determinadas situações.

Sem pretender invocar qualquer guerra semântica, ou seja, sem perseguir o discurso politicamente correto, mas sim, a atitude ética diante da igualdade de gêneros. Se eu posso, por que meu semelhante não poderia?

Um exemplo: o marido que ajuda a esposa nas tarefas domésticas, pode estar assumindo que a responsabilidade é dela. Ao invés disso, poderia apenas fazer a sua parte.

Em 1890, Freud reuniu várias piadas de judeus no livro O chiste e sua relação com o inconsciente, para investigar as fontes do prazer inconsciente que o indivíduo sente com os gracejos. Os chistes geram uma economia do gasto psíquico, ao permitir que obtenhamos prazer de assuntos reprimidos. Brincando, podemos dizer as verdades do inconsciente.

Para explicar o chiste, Freud instrumentalizou uma piada que não era de sua autoria, mas tinha uma conotação machista:

Um rei passeava nas imediações do seu castelo e encontrou um homem extremamente parecido com ele. Imediatamente, questionou:

- Sua mãe costumava visitar o reino? O súdito então respondeu:
- Minha mãe não, mas meu pai, sim.

Na impossibilidade de confrontar o rei, o súdito usou o humor para responder à altura. Esta estória era instrumentalizada para explicar os “chistes”, ou seja, quando algo inconsciente (e considerado inoportuno) deseja se manifestar, a psique pode recorrer ao humor para passar pelo controle severo do superego. (FREUD,2006).

O teor deste exemplo era suficiente para entender o chiste, além de ser bem aceito pela sociedade naquele tempo. No entanto, se um ou outro dos progenitores (mãe ou pai) copulou no reino, qual é a diferença significativa?

A pessoa que acha graça, de alguma forma pode estar negando a igualdade de gêneros, ao atribuir vantagem ao homem adúltero, e por conseguinte, desvantagem à mulher adulta. O humor só estará presente diante de uma mente sexista.

Vou dar um exemplo, usando uma analogia:

Se o monarca perguntasse:

- Você costumava frequentar o reino? Há crianças ali muito parecidas com você. O súdito responderia:

- Eu não, mas meu irmão sim.

Qual seria a graça? Tanto faz se ele ou o irmão tivesse copulado no reino.

Mais uma vez, reitero que o presente trabalho não se trata de buscar defeitos na obra de Freud, mesmo que microscópicos. Considerando que as atitudes do sujeito decorrem do seu pensamento, qualquer traço machista, mesmo que sutil, mesmo que inconsciente, tem o potencial de se materializar em algum tipo de violência contra a mulher.

Freud reuniu piadas de judeu no intuito de demonstrar que, além de instrumentalizar o humor para proferir desaforos, isso contribuía para manter a perseguição que sofriam.

O mesmo raciocínio não foi usado no exemplo da mãe ou do pai do súdito que poderia ter frequentado o reino. O desaforo do rei ter sugerido que a mãe visitava, foi devolvido.

A jornalista Natalie Angier, vencedora do Prêmio Pulitzer, publicou o livro *Woman: An Intimate Geography*, (“Mulher: Uma Geografia Íntima”), questiona a teoria sobre a “inveja do pênis”, uma tese polêmica até mesmo nas tradicionais sociedades do início do século XX (ANGIER, 2014).

Para Freud, a sexualidade feminina nasce a partir da constatação da ausência do órgão sexual masculino e o desenvolvimento sexual da mulher dependeria de sua reação frente a essa desvantagem. Apesar do falo ser uma representação em psicanálise, na maioria dos casos, sua origem se dá a partir do momento que a criança se depara com as diferenças anatômicas entre os sexos.

Simone de Beauvoir, em seu livro “O segundo sexo”, dedica um capítulo inteiro à psicanálise: Segundo a autora, Freud admite que a sexualidade da mulher é tão evoluída quanto a do homem, mas atribui a gênese desse desenvolvimento ao órgão masculino, ou à ausência dele, recusando assim, a originalidade da libido feminina (BEAUVOIR, 1970).

Na teoria freudiana, ambos os sexos passam pela fase oral de maneira idêntica, vinculada ao seio materno, depois disso, a fase anal e em seguida, alcançam a fase genital, a partir da qual, se diferenciam, no entanto, mantem o falo como órgão erótico privilegiado. A sexualidade feminina, portanto, baseada em um modelo masculino (a mulher se sente um homem mutilado, enquanto o homem pode se orgulhar de sua experiência viva, de posse do falo). (BEAUVOIR, 1970).

Apesar de sua notável vanguarda, Freud era um patriarca conservador: criou seus filhos de forma liberal e suas filhas da forma tradicional. Freud cita Isidor Sadger para corroborar com a tese de que as mães de homossexuais são masculinizadas, com traços enérgicos de caráter e capazes de deslocar o pai do lugar que lhe corresponde. Ou seja, uma mulher forte teria atributos masculinos (FREUD, 1996).

No livro “A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos”, trata da depreciação social das mulheres como um fenômeno comum, não como aberração, como deveria ser, do ponto de vista ético.

Na mesma época em que postulou a inveja do pênis, a psicanalista Karen Horney respondeu que a incapacidade de gerar filhos afetava o homem e chamou isso de inveja do útero. Desta forma as lutas por conquistas eram na verdade, buscas por compensação. Segundo Horney, a inveja do pênis faria sentido apenas metafórico, como anseio simbólico pelo prestígio social do homem.

Freud respondeu dogmático, dizendo que não ficaria surpreso se uma analista, cuja inveja do pênis não tivesse sido bem resolvida, poderia também negligenciar este aspecto em seus pacientes.

A inveja do pênis não está formalizada na obra de Freud: O livro que mais trata do tema é “O ego, o id e outros trabalhos”, com oito referências. Curiosamente é Anna Freud, no livro “O ego e os mecanismos de defesa” que possui conteúdo mais abrangente (dez referências), sempre ratificando a teoria de seu pai.

Elisabeth Roudinesco, coautora do Dicionário de psicanálise é defensora de Sigmund Freud sobre as acusações de machismo ou misoginia, mas vale aqui, a leitura do material escrito por ela:

Na página 266 de sua obra, Elisabeth Roudinesco afirma que Freud foi um patriarca autoritário, mas não era misógino, como era frequentemente acusado, pois nutria especial admiração às mulheres intelectuais. Neste mesmo parágrafo, a autora menciona os “preconceitos vitorianos” do pai da psicanálise, sobre o fato de educar seus filhos de modo diferente do que fazia com as filhas. Além disso, fala das contradições entre o discurso e as teorias a respeito da sexualidade feminina. Ou seja, para a autora, mesmo diante de comportamentos misóginos, Freud não o era. (ROUDINESCO, 1998).

Na página 277, defende que não havia misoginia na teoria da libido única, baseada no falocentrismo, porque o tratamento dispensado às mulheres **intelectuais** era igualitário com relação aos homens (e quanto às mulheres não intelectuais?). Não resta dúvida acerca do papel de Freud à emancipação feminina, o que não exclui nem justifica seus momentos conservadores, como se um fosse uma espécie de compensação do outro. (ROUDINESCO, 1998).

Na página 707, Elisabeth denuncia a pouca preocupação de Freud com o feminismo e, segundo palavras da própria autora, “mostrou-se misógino em algumas ocasiões”. Neste trecho da obra, a autora se dedica a explicar as razões pelas quais, Sigmund rejeitou as aspirações igualitárias das mulheres, como se houvesse de fato, justificativa plausível para tal rejeição.

Na página 719, Roudinesco menciona o encontro dos homens das quartas-feiras, criado por Freud (entre 1902 e 1907), do qual, poucas mulheres participaram. Roudinesco chamou o evento de “Banquete socrático”. (ROUDINESCO, 1998).

A época de Freud foi construída a partir dos costumes vitorianos e, dentro deles, a feminilidade estava associada à permanente carência afetiva, ciúmes, além do comportamento infantilizado.



A teoria psicanalítica conecta o inconsciente à sexualidade, não da forma que o senso comum supõe, com referência à genitália, mas em um sentido mais abrangente. Segundo este raciocínio, ela revela como é construída a noção de identidade, os valores e as orientações políticas: tudo isso será influenciado por impulsos inconscientes e ordenados por estruturas simbólicas que não estão ao alcance do nível consciente.

Freud proferiu uma palestra em 1933 sobre o tema da feminilidade, na qual considerou as mulheres, um “problema”, isentando os homens presentes de sê-lo também, partindo da premissa de que todos são bissexuais, no entanto os homens possuíam mais elementos masculinos do que femininos (FREUD, 1996).

As teorias da sexualidade, portanto, não envolvem não apenas a psique individual, mas também a influência das questões culturais. A avaliação do paciente na clínica, por mais que se considere a singularidade do sujeito, sempre haverá outra pessoa envolvida.

A seguir, temos trechos literais da obra de Freud, onde se observa a desigualdade de gêneros, de modo desfavorável à mulher, iniciando com **O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos.**

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. (FREUD, 1996, p. 141).

O complexo de castração está inserido no contexto do complexo de Édipo. Apesar de ser uma representação, na maioria dos casos, sua gênese surge a partir da constatação das diferenças anatômicas dos genitais. Portanto, com referência ao pênis material ou a ausência dele. A polêmica é que nem todo mundo aceita a hipótese de que a ausência do pênis seja percebida pela menina como um dano sofrido que ela procura negar. Existe realmente superioridade/inferioridade na relação homem-mulher?

O indivíduo se dá conta de suas diferenças funcionais com elementos da natureza, mas nem por isso vai se sentir em desvantagem por não produzir maçãs,

entende que são diferentes, no entanto a teoria acerca do complexo de castração nega a hipótese da menina perceber a diferença e se desenvolver a partir desta descoberta, de modo saudável, sem culpar a mãe pela perda, sem criar nenhum conflito interno.

Na teoria freudiana, o indivíduo do sexo masculino terá medo de ser castrado, porque acredita que há seres (as meninas) que efetivamente o foram, sendo que ambos atribuem ao homem, a completude, conferida pelo pênis.

Ainda no livro **O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**, Freud rejeita a originalidade da libido feminina, vinculando-a, a do homem.

Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. (FREUD, 1996, p. 141).

Simone de Beauvoir menciona o drama sexual como mais complexo na menina, uma vez que na teoria Freudiana ela pode reagir ao complexo de castração recusando sua feminilidade e obstinando-se em cobiçar um pênis. Para a autora, Freud supõe que a mulher se vê como um homem mutilado e que isso não pode ser generalizado.

De fato, nem Freud generalizou, ciente de que postulou de acordo com a experiência clínica que teve. Sabemos que julgar o todo, tendo como referência a parte, constitui falácia. Sabemos também que a psicanálise mudou com os movimentos sociais e é isso que lhe confere validade ao longo de mais de um século ajudando pessoas a superarem seus conflitos. Freud considerou desde o início, o contexto no qual o analisando estava inserido, com um grande papel de influência em sua psique.

Texto retirado do livro **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**.

Aprendemos das análises de muitas mulheres neuróticas que elas passam, em sua infância, por uma fase em que invejam nos irmãos o seu símbolo de masculinidade e se sentem em desvantagem e humilhadas devido à falta dele em si mesmas (na verdade devido à sua proporção diminuta). Incluímos essa 'inveja do pênis' no complexo de castração. (FREUD, 1996, p. 125).

Mais uma vez, exclui a possibilidade das mulheres em desenvolver sua sexualidade de forma original, a não ser, partindo da anatomia masculina. Para Freud e também para alguns opositores, como Simone de Beauvoir, a menina não inveja o pênis em si, a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos. O “símbolo de masculinidade”, portanto, seria apenas um passaporte para usufruir direitos iguais em sociedade.

Partindo desta premissa, podemos supor que a menina não invejaria o pênis, não desenvolveria animosidades com seus irmãos se não estivesse inserida em uma sociedade injusta.

Texto do livro **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos.**

Durante essa fase, as meninas, geralmente, não fazem segredo de sua inveja, nem da hostilidade para com seus irmãos favoritos dela decorrente. (FREUD, 1996, p. 125).

Freud procurou não generalizar a informação que obtinha em suas análises, até porque esta atitude iria contrariar um princípio da psicanálise, que é a singularidade do paciente. Ainda assim Simone de Beauvoir o acusou de fazê-lo. O questionamento feito neste trabalho é sobre a possibilidade de enxergar as diferenças anatômicas como naturais. Yin e Yang se completam, são apenas diferentes e não possuem hierarquia interna.

Esta tese pode ter sido influenciada pelo histórico infantil do pai da psicanálise, quando era chamado de meu Sig de ouro, por sua mãe. Também por episódios em que o piano da irmã que incomodava seus estudos, ter sido retirado de sua casa. Ali, naquele ambiente, ficou clara a preferência de um, em detrimento de outros. Tal fato pode ter produzido algum problema de relacionamento entre os irmãos.

Texto do livro **Totem e tabu e outros trabalhos.**

É digno de nota que os costumes australianos, em certas situações sociais e durante certos festejos, permitam a quebra dos direitos conjugais exclusivos de um homem sobre a sua mulher. (FREUD, 2006, p. 10).

Reivindicar os direitos da mulher para usufruir a plenitude da vida não deixa de considerar sua singularidade de gênero, no entanto, não limita seu lugar. O texto acima fala em quebrar uma instituição, formada pelos direitos do homem sobre sua mulher. Em qualquer época da humanidade, atribuir para si um direito que o outro não tem, sem uma justificativa plausível, constitui falta de ética. Freud não inventou tais direitos, mas também não os questionou. O fato de ter sido um homem de seu tempo não justifica, até porque tocou em temas sensíveis para a época, como a sexualidade infantil.

Até os dias de hoje, há episódios de maridos arrogando para si, os direitos conjugais, em uma espécie de estupro consentido. Mesmo não tendo criado os tais direitos conjugais, mesmo não concordando, é dever de todos combater essa ideia.

Texto do livro **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.**

(As crianças) partem da suposição de que ambos possuem o mesmo órgão genital (o masculino); não iniciam suas pesquisas sexuais com o problema da distinção entre os sexos, e a depreciação social das mulheres lhes é completamente estranha. Há mulheres em cuja neurose o desejo de ser homem não desempenhou nenhum papel.. (FREUD, 1996, p. 35).

A criança não nasce sabendo as diferenças, contudo, a gênese mais comum do processo de castração surge a partir da constatação das diferenças anatômicas. Nesse caso, estamos falando de falocentrismo. De acordo com o texto acima, mulheres “normais” conseguiram superar sua desvantagem.

Texto do livro **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos.**

A ênfase recai inteiramente no órgão masculino, todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não. Mas aprendemos que as meninas sentem profundamente falta de um órgão sexual que seja igual em valor ao masculino; elas se consideram por causa disso inferiores, e essa ‘inveja do pênis’ é a origem de todo um grande número de reações femininas características. (FREUD, 2006, p. 131).

Freud trata a inveja da menina como sendo resultado de uma valorização prévia da virilidade. Desta forma, a libido feminina estaria vinculada à comparação com a masculina. A mulher não é constitutiva de seu objeto.

Texto do livro **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos.**

Nessa fase o contraste entre os sexos não se inicia em termos de 'macho' ou 'fêmea', mas de possuir um 'pênis' ou de ser 'castrado'. O complexo de castração que surge nesse sentido é da mais profunda importância na formação tanto do caráter quanto das neuroses. (FREUD, 2006, p. 24).

Freud supõe que *em alguns casos*, a menina se sente mutilada, no entanto, mais uma vez, a formulação está baseada em uma comparação.

Texto do livro **Além do princípio do prazer.**

O alto valor atribuído ao órgão masculino e a incapacidade de tolerar sua ausência num objeto amoroso. A depreciação das mulheres, a aversão e até mesmo o horror a elas derivam-se geralmente da precoce descoberta de que as mulheres não possuem pênis. (FREUD, 1996, p. 148).

Segundo esta afirmativa, o menino se orgulha de possuir um pênis, ao mesmo tempo que esta experiência humilha as meninas.

## **O complexo de Édipo**

Além de temas considerados tabus para a época, como a sexualidade infantil, Freud enfrentou grandes críticas em consequência de suas teorias supostamente chauvinistas. Principalmente aquelas sustentadas a partir do complexo de Édipo (a diferença sexual não é inata, mas sim, adquirida por meio da socialização).

O Complexo de Édipo remete ao texto grego de Sófocles, no qual, Laio, ao desposar Jocasta, foi avisado pelo oráculo que se tivesse um filho, este iria matar o pai e se casar com a mãe. Uma determinada ocasião, Jocasta embriagou o marido para poder conceber. Quando a criança nasceu, Laio determinou que a criança fosse abandonada e assim os súditos fizeram, mas foi encontrada e criada por outra família.

Ao consultar o oráculo, Édipo ficou sabendo do seu destino e, julgando se tratar de sua família de criação, abandonou a cidade em direção a Tebas.

No trajeto, Édipo encontrou Laio que ordenou que ele saísse do caminho, mas não o atendeu. – Lutaram até a morte de Laio. Chegando às cercanias de Tebas, Édipo se deparou com uma esfinge que lançou um enigma, que, caso não fosse corretamente decifrado, iria devorá-lo: O que caminha de manhã com quatro patas, a tarde com duas e a noite com três. Édipo respondeu o homem, que engatinha na infância, caminha com duas pernas na idade adulta e com o auxílio de uma bengala na idade adulta.

Chegando na cidade, foi recebido com júbilo, por livrá-los de Laio e da Esfinge e lhe ofereceram Jocasta em casamento.

Ao descobrir a verdade, Jocasta se matou e Édipo furou os olhos e saiu vagando pelo mundo.

Durante os primeiros anos de desenvolvimento da criança, a passagem bem-sucedida pelo período edipiano é determinada pela extinção do seu desejo pela mãe, por receio da castração.

Como elemento central da humanização, o complexo de Édipo vai influenciar mais tarde, as interações e os relacionamentos do indivíduo.

Segundo Freud, a inveja do pênis pode ter um impacto significativo no desenvolvimento psíquico da mulher, fato que alimenta a desigualdade de gênero e por conseguinte o debate sexista contra a psicanálise.

Ainda que para a menina, a passagem pelo complexo de Édipo esteja associada a ansiedade de castração, ela não tem o mesmo efeito angustiante que atinge os meninos.

O debate aqui, portanto, é sobre alimentar a desigualdade de gênero para justificar a inferioridade moral e social das mulheres.

Freud estudou a diferença de como meninos e meninas se desenvolvem a partir do complexo de Édipo e da inveja do pênis. O modo como o sujeito avança por essas fases define o equilíbrio mental do adulto.

A tragédia grega em si não é sexista, algo incomum para a Grécia antiga e isso se percebe no sofrimento maior imposto aos personagens masculinos, além do que, os diálogos entre Édipo e Jocasta demonstram uma relação igualitária. Por fim, naquele tempo, era mais comuns os bebês do sexo feminino serem abandonados.

### **3 CONCLUSÃO**

Em seus primeiros estudos, Freud estendeu suas conclusões sobre a sexualidade masculina às mulheres, como se fossem homens sem pênis. De acordo com a teoria freudiana, a sexualidade feminina se mantinha semelhante à masculina, até que as mulheres experimentassem a inveja do pênis, canalizando o ressentimento às suas mães.

Freud acreditava que as mulheres eram sexualmente passivas e que praticavam o sexo apenas para conceber. Os filhos, portanto, seriam uma compensação para a falta do pênis, objeto central do desenvolvimento dos seres.

Muito do que era amplamente aceito, mudou, evoluiu com as sociedades. O processo de fundação da psicanálise demonstra sucessivas lapidações, mudanças de curso, que continuaram a partir de outros psicanalistas. O relato é um bom exemplo de que a psicanálise não parou de evoluir, mas suas bases ainda permanecem atuais.

O próprio Freud escreveu para Martha, à época sua noiva, que estava profundamente influenciado por Jean-Martin Charcot e que iria rasgar 14 anos de estudos, para dar novo curso à sua pesquisa. O pai da psicanálise manteve sua teoria hermética diante de discípulos que pretendiam modificá-la, o que os transformou em desafetos. Fez isso porque acreditava no estudo original, mas não negou a realidade nem as oportunidades de melhoria.

Os questionamentos apresentados não refletem uma crítica à obra de Freud, mas um convite à reflexão. Mesmo na época de Freud, já se questionava a hierarquização dos sexos e as referências herdadas do patriarcado.

Como citado no início deste trabalho, Freud foi revolucionário em diversos aspectos, mas também foi conservador em outros. Contribuiu para a emancipação da mulher, não há dúvida, ao mesmo tempo que em vários episódios, destinou a ela, um papel secundário ou baseado a partir da sexualidade masculina.

Atualmente, é comum atribuir frases a pessoas que nunca as disseram realmente. Também ocorrem interpretações equivocadas como no caso de Charles Darwin, a quem Freud muito admirava:

O mesmo problema ocorre com Sigmund Freud. As interpretações tendenciosas e equivocadas se multiplicam inclusive na Literatura. Neste trabalho, houve o cuidado de localizar os episódios na obra do pai da psicanálise, devidamente contextualizados para fundamentar alguns traços que rejeitam a igualdade de gênero.

Vamos lembrar que a trajetória de Freud foi humana. Se procurarmos falhas em suas teorias, vamos encontrar. Ele próprio nunca pretendeu ocupar o lugar ideal. Prova disso é que se questionou e revisou ao longo de toda a sua carreira.

A reflexão proposta por este artigo é que Freud desconstruiu tantos saberes, já consolidados ao longo dos séculos, tocou em tabus que lhe renderam grande resistência, mas nesse aspecto, manteve e reforçou velhos costumes conservadores.

A psicanálise mudou desde que foi criada, porque os tempos mudaram. Da mesma forma não se pode ignorar o modo como Freud defendia as mulheres, como por exemplo, incentivando as associações psicanalíticas para aceitá-las. Também acreditava que a postura da sociedade conservadora diante dos desejos femininos causavam muitas doenças mentais nas mulheres (como a histeria). Para Freud, a sexualidade feminina deveria ser mais livre.

No entanto, o pai da psicanálise defendia que as diferenças de gênero eram destino, o que pode evoluir para argumentos de conotações sexistas. Além disso, Freud



considerava a masturbação do clitóris como uma atividade masculina, cuja eliminação seria necessária para o desenvolvimento da feminilidade.

Trazer esses temas ao debate é um modo de incluir na pauta das discussões as injustiças sociais que alcançam com mais força, o gênero feminino.

#### 4 REFERÊNCIAS

ANGIER, Natalie. **Woman: An Intimate Geography**. Boston: Mariner Books, 2014, 512 p.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão europeia do livro. 1970. 309 p.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 206 p.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 311 p.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 145 p.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise**. Porto Alegre: LP&M. 2014. 74 p.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 165 p.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1996. 157 p.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago. 2006. 155 p.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 2006. 277 p.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 2006. 177 p.

MASSON. Jeffrey Moussaieff (Org.). **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Flies**. Rio de Janeiro: Imago. 1986. 543 p.

PsychiatricNews,  
<https://psychnews.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/pn.36.14.0009>, acesso em 06/09/2021

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 888 p.